

EDUCAÇÃO
V.8 • N.1 • Agosto/Setembro/Outubro - 2019

ISSN Digital: 2316-3828
ISSN Impresso: 2316-333X
DOI: 10.17564/2316-3828.2019v8n1p51-58



DISCURSOS VIRTUAIS SOBRE O CONCRETO: O HUMANO E O HUMANISMO NA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

VIRTUAL DISCOURSES ON CONCRETE: THE HUMAN AND
HUMANISM IN THE INFORMATION SOCIETY.

DISCURSOS VIRTUALES SOBRE LO CONCRETO: LO HUMANO Y EL
HUMANISMO EN LA SOCIEDAD DE LA INFORMACIÓN

Dostoiewski Mariatt de Oliveira Champangnatte¹
Renato da Silva²
Rosane Cristina de Oliveira³
Jacqueline de Cássia Pinheiro Lima⁴

RESUMO

O objetivo deste trabalho é apresentar algumas reflexões históricas e filosóficas sobre o ser e o sentido de humano e humanismo na sociedade da informação. As relações humanas estabelecidas dentro da sociedade são definidoras do próprio conceito de ser humano. As relações humanas não são naturais, elas são históricas, sofrem transformações influenciadas pelos diversos contextos políticos, sociais, culturais e econômicos ao longo da história da civilização. Tendo por base o pensamento do filósofo inglês John Gray, analisamos os discursos produzidos sobre o humano e o humanismo e as relações estabelecidas e sentidas pelo homem numa sociedade tecnológica. Neste contexto, os vínculos estabelecidos no mundo virtual definem um novo tipo de humanismo que concede um conceito novo de homem. Compreender o tipo de ser humano que compõe a sociedade da informação é uma questão desafiadora.

PALAVRAS-CHAVE

Humano. Humanismo. Sociedade da Informação. Mundo Virtual. John Gray.

ABSTRACT

The objective of this work is to present some historical and philosophical reflections on the being and the sense of human and humanism in the information society. Human relations established within society are defining the very concept of being human. Human relations are not natural, they are historical, they undergo transformations influenced by the diverse political, social, cultural and economic contexts throughout the history of the civilization. Based on the thought of the English philosopher John Gray, we analyze the discourses produced on the human and the humanism and the relations established and felt by the man in a technological society. In this context, the bonds established in the virtual world define a new type of humanism that grants a new concept of man. Understanding the kind of human being that makes up the information society is a challenging question.

KEYWORDS

Human. Humanism. Information society. Virtual world. John Gray

RESUMEN

El objetivo de este trabajo es presentar algunas reflexiones históricas y filosóficas sobre el ser y el sentido de humano y humanismo en la sociedad de la información. Las relaciones humanas establecidas dentro de la sociedad son definidoras del propio concepto de ser humano. Las relaciones humanas no son naturales, son históricas, sufren transformaciones influenciadas por los diversos contextos políticos, sociales, culturales y económicos a lo largo de la historia de la civilización. En base al pensamiento del filósofo inglés John Gray, analizamos los discursos producidos sobre lo humano y el humanismo y las relaciones establecidas y sentidas por el hombre en una sociedad tecnológica. En este contexto, los vínculos establecidos en el mundo virtual definen un nuevo tipo de humanismo que concede un concepto nuevo de hombre. Comprender el tipo de ser humano que compone la sociedad de la información es una cuestión desafiante.

PALAVRAS CHAVES

Humano; Humanismo; Sociedade da Informação; Mundo Virtual; John Gray.

1 INTRODUÇÃO

O modelo de mundo que vivenciamos no contexto atual ainda pode ser relacionado à sociedade produzida a partir da segunda metade do século XVIII. A Revolução Inglesa e a Revolução Francesa foram às bases percussoras do tempo contemporâneo. O tempo, as instituições, a sociedade e a própria concepção de ser humano foram transformados por eventos históricos de caráter social, político e econômico. A industrialização da produção e o processo de racionalização social conduziram as mudanças das estruturas modernas do mundo ocidental. A compreensão da passagem de mundo teocêntrico para uma sociedade antropocêntrica é fundamental para discutir os conceitos reproduzidos sobre ser humano e humanismo na contemporaneidade.

O tempo de hoje marcado pela presença tecnológica na vida cotidiana e a fusão entre o virtual e o real reordena os sentidos e orienta os discursos. O objetivo deste trabalho é apresentar algumas reflexões históricas e filosóficas sobre o ser e o sentido de humano e humanismo na sociedade da informação. As relações humanas estabelecidas dentro da sociedade são definidoras do próprio conceito de ser humano. Que tipo de epidemia humana sinalizada por John Gray está ocorrendo? Os nossos principais traços humanos os que nos diferencia dos outros animais foram reforçados ou enfraquecidos pela sociedade da informação? Quais os discursos construídos sobre o sentido de ser humano no tempo presente? Sem dúvida são questões complexas e desafiadoras e tentar respondê-las pode nos dar indícios importantes de entendimentos dos contextos vividos atualmente por todos nós.

2 A DUPLA REVOLUÇÃO E SEUS IMPACTOS REAIS E VIRTUAIS.

O mundo contemporâneo pode ser considerado filho da dupla revolução apontada pelo historiador Eric Hobsbawm. A Revolução Inglesa de 1750, popularmente conhecida como a Revolução Industrial e a Revolução Francesa de 1789 protagonizada pelo o papel ativo da burguesia são complementares (HOBBSAWM, 1994). O aspecto econômico marcante na versão inglesa revolucionária é complementada pelo caráter político, social e filosófico da revolução burguesa. Não há dúvida da influência iluminista nas ondas revolucionárias da segunda metade do século XVIII. A ideologia iluminista que formou alguns conceitos básicos e estruturais da sociedade burguesa é também uma ideologia de negação ao passado até então.

A história da humanidade é marcada pela sua própria história de construção de identidade humana. Essa identidade foi diversas vezes reconstruída principalmente pela concepção de igualdade que seria inerente a todos os seres humanos. O paleontólogo Stephen Jay Gould apresentou uma pesquisa importante sobre as teorias científicas baseadas no determinismo biológico que justificaria as diferenças humanas. Não existem problemas nas diferenças, sim nas hierarquias. Segundo Gould (1999), a ciência, principalmente do século XIX, foi construção de teorias racialistas que denominavam raças superiores e inferiores.

Em outras palavras, alguns seres humanos seriam melhores do que outros. É evidente que a conta dessa imbecilidade dita científica foi alta para diversos grupos, inclusive, afetando as relações de gêneros. O século XIX foi século da edificação e legitimidade da ciência. A ciência base sólida e instrumentalização do pensamento racional inaugurado pelas revoluções burguesas do final do século XVIII.

O homem contemporâneo é um ser mundano. Radicalmente diferente do ser que habitou a Época Medieval, onde homens eram desprovidos de vontades e obedientes aos desígnios divinos. O teocentrismo denominou um tipo de ser humano atrelado ao mundo sobrenatural, que tinha sua vida determinada por um destino celestial.

3 O HUMANO E O HUMANISMO NA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

Somos mais ou menos humanos no mundo virtual? Somos humanos reais no ciberespaço? Há algum tempo o filósofo francês da informação, Pierre Levy, vem nos respondendo essa pergunta como sonoro “sim”. Apesar de muitos críticos do ciberespaço e da sua cibercultura, que aponta a superficialidade das relações produzidas e estabelecidas na rede, Lévy (1999), foi um dos pioneiros a defender a realidade virtual e suas produções humanas. A produção do conhecimento compartilhado para Lévy (1998, p. 54) é “A abertura do ciberespaço permite conceder formas de organização econômica e social centradas na inteligência coletiva e na valorização do humano em sua variedade [...]”.

Segundo Lévy (1998, p. 26), as crises nas relações humanas é um fenômeno anterior ao Ciberespaço. O desafio é reinventar o laço social por meio do aprendizado recíproco. Compartilhar saber é estabelecer novas relações humanas. E assim dar ressignificado ao conceito de humano na sociedade da informação. Isto é, por mais que essa sociedade virtual seja desinteressada em estabelecer relações duradoras, o pensador da cibercultura acredita na eficiência desses novos laços virtuais que são reais.

Diferente dessa visão otimista para alguns flexíveis para outros, o sociólogo polonês Zygmunt Bauman nos revela consequências incomodadas dessa virtualização da vida. Para Bauman (2007) operamos hoje num modelo de vida líquida. Sem quase compromissos, vínculos ou relações resistentes ao tempo. A fluidez da existência contemporânea corresponde à fluidez das relações humanas, presente no ser e sentido superficial do ser humano.

A vida líquida é vivida por sujeitos voláteis, em constantes mudanças. Sem apego a identidades ou laços. Sem tempo para relações trabalhadas, é um ser humano à deriva (SENETT, 1999). São visões e sensações produzidas pelo paradigma da sociedade da informação. Não há espera, pois não há tempo, humanismo não é um processo construído por meio de bases sólidas e históricas. O ser e o sentido humano na sociedade da informação são muitas vezes vivenciados no extremo. Como tudo “parece” superficial, só extremismo poderá ser percebido como forma concreta de existência. Essas são umas das críticas ao ciberespaço, a internet, a tecnologia, a sociedade da informação, enfim, o mundo que vivemos e experimentamos na atualidade.

A visão positiva e a boa expectativa produzida pelos estudos de Lévy no final do século não foram reflexões exclusivas. Manuel Castells (1988) no mesmo período apresentou o cenário construído e a evolução

histórica que conduziu a edificação da sociedade informacional. Castells, também, por meio de uma abordagem otimista analisou as possibilidades dessas mudanças em curso na nossa contemporaneidade. O ser e a rede são uma realidade que possibilita o aumento da interdependência social. O compartilhamento é fundamental para sobrevivência. Na análise de Castells não há esvaziamento das relações, e sim, um processo de aprendizagem em se relacionar. Novas formas de organização que gera novas formas de comprometimento, aparentemente frágeis por que são virtuais, no entanto, são reais e de maiores alcances.

A noção de “comunidades virtuais”, proposta pelos pioneiros da interação social na internet, tinha uma grande virtude: chamava a atenção para o surgimento de novos suportes tecnológicos para a sociabilidade, diferentes de formas anteriores de integração, mas não necessariamente inferiores a elas [...] (CASTELLS, 1998, p. 105).

4 A “EPIDEMIA HUMANA” E SUAS AÇÕES CONCRETAS

Para o filósofo inglês Jonh Gray (2009), a crença no progresso é uma ilusão. As marcas de mundo avançado tecnologicamente nos dão falsa impressão de evolução humana e social. Para Gray vivenciamos um momento de crise filosófica que coloca em xeque a própria definição de ser humano. O mundo cada vez mais racional, sustentado por um conhecimento científico soberano em relação aos demais conhecimentos (religião, arte, filosofia, senso comum etc.) de apreensão das realidades sociais e humanas, produz a sensação de alto desenvolvimento em quase todas as esferas da vida. A crise ética e moral da contemporaneidade pode destruir a humanidade. As relações entre os seres são mais frágeis na virtualização dessas relações.

Segundo Gray (2009), o humanismo pode ter muitos significados, no entanto, aquele que define melhor o conceito de humanismo na contemporaneidade está associado ao progresso científico em processo desde o iluminismo. Isto é, a concepção de humanismo é definida pelo papel do antropocentrismo e do racionalismo científico pós século XVIII. O filósofo inglês denuncia esse humanismo exacerbado, que coloca o homem acima dos outros seres vivos no planeta. A “epidemia humana” segundo Gray causa ações devastadoras no mundo. No entanto, a Terra e sua natureza não devem ser exterminadas como acredita os mais pessimistas ambientalistas. Para Gray, a extinção será humana. As transformações do planeta causadas pelo homem e seu humanismo a deixara inabitável para os seres humanos.

Nos antigos rituais chineses, cachorros de palha eram usados como oferendas para os deuses. Durante o ritual, eram tratados com a mais profunda reverência. Quando terminava, e não sendo mais necessários, eram pisoteados e jogados fora: ‘Céu e terra não têm atributos e não estabelecem diferenças: tratam as miríades de criaturas como cachorros de palha.’ Se os humanos perturbarem o equilíbrio da Terra, serão pisoteados e jogados fora. Os críticos da teoria Gaia dizem que a rejeitam porque não é científica. A verdade é que têm medo e ódio da teoria, porque isso significa que os humanos nunca podem ser nada além de cachorros de palha. (GRAY, 2009, p. 50).

O pessimismo de Gray é justificado quando realizamos análise mais profunda e menos deslumbrada da sociedade da informação. A virtualização da vida imprime marcas significativas em relação às sensações. A sensação de uma vida imediatista experimentada no ciberespaço é ampliada para todas as esferas da sociedade. A pouca preocupação com o passado e ausência de planejamentos futuros, nos deixa refém de um presente contínuo. O “não ter tempo” se torna a desculpa perfeita para o estabelecimento de relações de conveniência com o momento.

O humanismo nesse sentido é a experiência das superficialidades. O comprometimento do humano são os acordos da atualidade. Nada de garantias futuras ou reconhecimentos passados. No entanto, a vida do ser humano na contemporaneidade apesar de prolongada, apresenta visíveis aspectos de desgastes sociais. Essas marcas são percebidas também nos corpos aparentemente saudáveis que tem no tempo virtual suas principais realizações. Em suma, o que nos falta é tempo ou que nos sobra é tecnologia?

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede: A era da informação: economia, sociedade e cultura**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1999.

GOULD, Stephen Jay. Introdução. *In: A falsa medida do homem*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 3- 14.

GRAY, John. **Cachorros de Palha: reflexões sobre humanos e outros animais**. Rio de Janeiro; São Paulo: Editora Record, 2009.

HOBBSAWM, Eric. **A era das revoluções: 1789-1848**. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1981.

JOHNSON, Steve. **Emergência: a dinâmica de rede em formigas. Cérebros, cidades e softwares**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2003.

LÉVY, Pierre. **A cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

SANTAELLA, Lúcia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. Rio de Janeiro; São Paulo: Editora Record, 1999.

Recebido em: 13 de Fevereiro de 2018

Avaliado em: 16 de Abril de 2018

Aceito em: 16 de Abril de 2018



A autenticidade desse artigo pode ser conferida no site <https://periodicos.set.edu.br>

1 Doutor em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Pós-Doutor em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Graduação em Comunicação Social – Cinema pela UFF-RJ e em Pedagogia pela FAER-PI; Professor Adjunto do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes da Universidade do Grande Rio. E-mail: prof.tico@gmail.com

2 Doutor em Ciências – FIOCRUZ. Graduação em História – UERJ; Pós-Doutor em História – UERJ; Professor Adjunto do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes da Universidade do Grande Rio. E-mail: redslv333@gmail.com

3 Doutora em Ciências Sociais – UERJ; Professora Adjunta do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes da Universidade do Grande Rio; Graduação em Ciências Sociais – Universidade Federal Fluminense. E-mail: rosanecrj@unigranrio.edu.br

4 Doutora em Sociologia pelo IUPERJ; Pós-Doutora em História pela UERJ; Graduação em História pela UERJ; Professora Adjunta do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes da Universidade do Grande Rio. E-mail: jpinheiro@unigranrio.edu.br

Como citar este artigo:

ROMEO, Andrea. Lo special account del fenomeno religioso nel dibattito nordamericano. *Argumenta Journal Law*, Jacarezinho – PR, Brasil, n. 29., 2018, p. 15-48. DOI: 10.17564/2316-3828.2018v7n1p13-24



Este artigo é licenciado na modalidade acesso abertosob a Atribuição-Compartilhual CC BY-SA



